

A representação arquetípica do homem negro no filme “Cidade de Deus” (2002)¹

André Macedo de Souza²
Guilherme Vinícius Sampaio de Oliveira³
Nealla Valentim Machado⁴
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT

RESUMO

Este estudo investiga as relações de interseccionalidade nas representações de masculinidades negras e a violência presente na construção narrativa do filme “Cidade de Deus” de Fernando Meirelles e Kátia Lund, inspirado no livro homônimo do autor Paulo Lins. Para o presente resumo, o campo de significantes que o cinema produz a partir de representação arquetípica é importante para refletir sobre os comportamentos e o desenvolvimento psicossocial dos personagens a serem analisados.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidade; Violência; Representação; Interseccionalidade; Comunicação

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o cinema mostrou-se como um campo de significação do mundo, trazendo para a tela as subjetividades da vida real e de quem o produz, com representações dispostas em suas mais variadas formas. Nesse sentido, o filme “Cidade de Deus” (2002) retrata um bairro periférico da cidade do Rio de Janeiro durante as décadas de 1960 e 1980, se aplicando aos cenários das demais periferias do século XXI.

As interrelações estabelecidas dos fenômenos de racismo e violência na existência das pessoas negras retratadas em contexto de periferia, que são marcadas no filme, caracterizam a análise da comunidade Cidade de Deus e de seus personagens, refletindo sobre os seus comportamentos e desenvolvimento psicossocial.

¹Trabalho apresentado no GT Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste - Campo Grande/MS, realizado de 20 a 22 de maio de 2025, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS.

²Estudante de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, e-mail: andre.souza5@sou.ufmt.br.

³Estudante de Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso, Bolsista Capes, e-mail: guilherme.oliveira7@sou.ufmt.br.

⁴Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Poder (PPGCOM/UFMT), Professora do Departamento de Comunicação (UFMT) e Doutora em Estudos de Cultura Contemporânea/PPGECCO, e-mail: nealla.machado@ufmt.br.

As masculinidades retratadas no filme são marcadas por um recorte racial específico, por meio de personagens como “Zé Pequeno”⁵ e “Buscapé”⁶ e, dessa maneira, um filme com a cara e a voz de homens negros, se tornou o espelho do Brasil para o mundo.

Lançado em 2002, *Cidade de Deus* foi dirigido pelos cineastas Fernando Meirelles e Kátia Lund, baseado no livro homônimo do escritor Paulo Lins, publicado em 1997, que conta, por meio da perspectiva do personagem “Buscapé”, a formação da comunidade que dá nome ao filme, no município do Rio de Janeiro, intercalando na narrativa fatos reais da história da capital fluminenses e do Brasil com fatos e personagens fictícios.

O cinema, como um meio de comunicação massivo, é um agente de significantes, que fabrica sentidos que não apenas reproduzem a realidade, mas também a definem (Maia, 2007). É a partir das representações masculinas que este trabalho pretende analisar, no decorrer da pesquisa, o arquétipo do homem negro na sociedade brasileira, a fim de destacar elementos que fundamentam a identificação dos sujeitos para a elaboração da identidade social.

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁷, em 2021, 56% da população brasileira se autodeclarou preta ou parda, porém essa parcela da população ainda é sub-representada em produções audiovisuais e, quando representadas, são por personagens carregados de estereótipos.

Por meio desta pesquisa, pretende-se refletir sobre as representações masculinas presentes no filme e, em paralelo, entender como se dá a estereotipização (Hall, 2016) e a construção do imaginário social acerca de homens negros. Esse trabalho se realiza no contexto de um projeto de iniciação científica que estuda representações de masculinidades.

⁵Personagem interpretado pelo ator Leandro Firmino, é o antagonista da história. Zé Pequeno realmente existiu e era o apelido de José Eduardo Barreto Conceição, que entrou para a criminalidade ainda na infância, quando era conhecido como “Dadinho”, cometendo assaltos e assassinatos. Com o passar dos anos, Zé Pequeno entra para o tráfico de drogas e se torna o “dono” da Cidade de Deus.

⁶Interpretado pelo ator Leandro Rodrigues, Buscapé é o protagonista da história. É um contraponto retratado no filme, pois não se envolve com o mundo do crime. Tem o desejo de ser fotógrafo e, por acaso, se torna um e consegue levar à capa do jornal onde trabalha a foto do maior criminoso da Cidade de Deus.

⁷De acordo com pesquisa feita pelo IBGE em 2021, 56% da população brasileira se autodeclarou preta ou parda. A pesquisa evidencia que em dez anos, aumentou em 32% o número de brasileiros que se declaram pretos e 11% os que se identificam como pardos.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O material a ser analisado é o filme “Cidade de Deus”, lançado em 2002 e com 130 minutos de duração. A composição dos dois personagens analisados “Zé Pequeno” e “Buscapé”, os enquadramento e composição de ângulos das câmeras, assim como a estética utilizada no decorrer da história para a construção da ideia do homem negro e da masculinidade, contribuem para os conceitos associados aos arquétipos (Anaz, 2020) que este trabalho irá se debruçar. A partir disso, todos esses elementos supracitados serão levados em consideração na análise. Para fundamentar a pesquisa e análise sobre o filme “Cidade de Deus”, utilizamos da pesquisa bibliográfica como forma de perceber os reflexos arquétipos no cotidiano relatados no filme. Desse modo, a pesquisa tem duas frentes: a representação da masculinidade negra (Hall, 2026) e a interseccionalidade (Carrera, 2020).

Hall (2016) entende que é impossível representar o mundo sem a construção dos estereótipos, nós “decodificamos” os objetos a partir da nossa cultura. O autor argumenta que uma etapa fundamental do processo de representação é a linguagem e nela, o indivíduo se firma, no seu meio, como parte integrante de uma cultura. O problema dos estereótipos é que eles reduzem traços, para facilitar a decodificação. Depois esses traços são exagerados e simplificados. Dessa forma, Hall (2016) argumenta que “a estereotipagem, reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (p.191), o que abre margem para a discriminação e o preconceito. Em outras palavras, o processo de estereotipização passa pela cultura e é parte da ordem social e simbólica.

No que se refere à masculinidade negra, essa abordagem justifica-se pela escolha de análise dos personagens “Zé Pequeno” e “Buscapé” e a forma como eles são retratados. Desse modo, a associação desses personagens com as representações negras mostram, também, as complexidades e diferenças entre esses dois homens negros. Correa (2018, p. 70) afirma que “o homem branco ocidental é o padrão para as masculinidades” e, ao questionar “tais masculinidades”, alguns homens perceberam que nem todos os privilégios pertencem a eles também e, dessa maneira, a raça, a sexualidade e a classe definem as masculinidades.

A interseccionalidade (Carrera, 2020) tem como objetivo, nesse trabalho, de abordar os aspectos que abarcam os múltiplos sistemas de opressão presentes na

sociedade, articulando os marcadores sociais da diferença como raça, classe e gênero, aplicada às discussões sobre masculinidades negras no viés comunicacional.

O projeto de construção do termo interseccionalidade, portanto, emerge do reconhecimento dessas diversidades dentro dos grupos raciais e de gênero, sobretudo, sendo articulado por mulheres racializadas e, especialmente, pelo feminismo negro (Carrera, 2020. p, 05)

Segundo Carrera (2022), reconhecer as diferenças é uma das etapas do processo analítico, mas ele não é o único: é necessário que esse reconhecimento se transforme na base para o enfrentamento de injustiças e opressões estruturais. Nesse sentido, entender as representações de masculinidades negras por essa ótica, nos possibilita criticar e pensar na possibilidade de “justiça social” para grupos marginalizados.

ANÁLISE DO FILME

O filme começa com uma sequência de tensão, onde o personagem Buscapé (Alexandre Rodrigues) fica na alça de mira de Zé Pequeno (Leandro Firmino). Esse início contextualiza o que a obra pretende mostrar ao longo de sua trama ao telespectador. Os meninos que crescem no mesmo bairro periférico entendem a vida e a maneira como devem lidar com ela de formas diferentes, mas compartilham um laço em comum: a masculinidade negra forjada por meio da violência (hooks, 2022).

Na história, esses meninos que se tornaram homens na segunda fase do filme, descobrem que precisam sobreviver e o que precisam fazer: é preciso ser *sujeito homem* (Cruz, 2019). Quanto mais macho e violento for, mais poder e respeito ele terá, segundo a dinâmica a qual o público é apresentado. Esse método é a deixa para explicar as relações de poder nesse ambiente específico e como a masculinidade negra é construída através da violência (hooks, 2022).

Buscapé, ao longo de seu monólogo e narração, demonstra pouco interesse em ser como os demais garotos da Cidade de Deus, não quer se envolver como o tráfico ou liderar um grupo, porque, aparentemente, ele não quer correr o risco de entrar nas frequentes disputas de território que terminam em assassinatos sangrentos.

Essa atitude revela que a violência funciona como uma ferramenta de controle, dominação e subjugação de na relação com outros homens, como se não houvesse outra alternativa (hooks, 2022).

Zé Pequeno, por outro lado, entendeu que para ser lido socialmente enquanto *sujeito homem*, é preciso mostrar força por meio do domínio da violência. Causar medo, para ele, é uma forma de ostentar status e ascender socialmente dentro da favela como um homem a ser respeitado por todos, como um líder da comunidade. Nesse sentido, o respeito, o medo, a força e a violência são os elementos que são associados para estabelecer a ideia de masculinidade negra hegemônica.

A masculinidade patriarcal era a teoria, e o gangsta, sua prática suprema. Não é de se admirar, portanto, que homens negros de todas as idades que vivem a ética do trabalho protestante, submetendo-se ao mundo racista e branco, invejem dos traficantes de baixa renda nas comunidades negras que não são escravos do poder branco. (hooks, 2022, p.79)

Em vários momentos, o personagem que acaba por dominar as “bocas de fumo” mostra como que para realidade que está imerso, o diálogo mais efetivo com outros homens se demonstra através de xingamentos, ameaças e agressões que promovam o “respeito” através do medo e da acuação. A construção da trajetória de vida desses personagens evidencia como o ambiente de precariedade, aliada à exclusão social, cria uma visão distorcida de masculinidade, tornando a violência como uma moeda de troca para o reconhecimento (hooks, 2022).

A utilização de narrativas paralelas e a construção das personagens mostram como a violência e a masculinidade (hooks, 2022) são, entendidas e interpretadas, como intrinsecamente ligadas à realidade das periferias urbanas. Contudo, pensar a masculinidade negra e a violência como uma coisa só é errôneo. Pois, na realidade, são situações sociais que coexistem em contextos de marginalização, e precarização de vida de uma população a partir de políticas de higienização de grandes centros urbanos (Maia, 2007).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Podemos dizer então que o filme *Cidade de Deus* revela uma complexa engenharia de interseção entre a masculinidade negra e a violência (hooks, 2022) que se fundamenta no reconhecimento do homem negro como homem na sociedade a partir dos processos de violência que eles aprendem e replicam, posteriormente, quando mais velhos, tornando-se espelho de como ser e agir no mundo para os meninos negros e ocupando posições-sujeito perante a sociedade (Cruz, 2019).

Enquanto Buscapé é lido como o “homem negro dissidente”, já que ele não se apropria da realidade que é posta para a maioria dos moradores da Cidade de Deus e “homem negro subjetivado”, pois é ele o narrador da história, Zé Pequeno é tido como “poderoso”, “mais velho”, “machista” e “vaidoso”.

Porém, utilizando recursos típicos de modelos na construção de histórias sobre personagens arquetipos, o filme de Fernando Meirelles e Kátia Lund não questiona nenhum desses estereótipos (Hall, 2016), corroborando para uma perpetuação desse modelo de masculinidade hegemônica negra. Premiado e bem avaliado, o filme corrobora a ideia de que o homem negro periférico vive em uma contínua tensão em ser respeitado e violento, deixando de fora uma série de possibilidades das vivências de masculinidades que não alcançam esse espectro.

REFERÊNCIAS

CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional Proposta metodológica para análises em Comunicação. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 24, jan-dez, p. 1–22. 2020.

CORREA, M. A. C. Masculinidades negras em movimento - O cinema negro como prática decolonial na educação. **RevistAleph**, n. 31, p. 68-101. 2018.

CRUZ, Glauber Saraiva. **“SOU SUJEITO-HOMEM!”: a representação das masculinidades negras no filme “Cidade de Deus”**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GOMES, L. F. **Cinema nacional**: caminhos percorridos. São Paulo: Ed.USP, 2007.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

HOOKS, bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

MAIA, A. S. C. **Cidade de Deus em foco - Análise de representações de jovens da periferia**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação - Compós, v. 10, 2007.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

Livro “Cidade de Deus”: INS, P. **Cidade de Deus**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. 403 p.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande/MS - 20 a 22/05/2025